

ONZE

Clara marcou o encontro em uma travessa no centro da cidade, aos pés da estátua retorcida de Pixinguinha, ao meio-dia. Xavier chega um pouco atrasado, tentando se esconder do sol, mas é complicado vencer a multidão que também quer um espaço à sombra. O calor é inclemente. A umidade é tão alta que dá para imaginar como seria nadar no ar.

Xavier vê a menina de longe e fica sem reação. É uma figura que se destaca de toda aquela movimentação. Parece pura e cheirosa, do tipo que acabou de se banhar em flores. Pessoas correm, mulheres falam alto em conjunto, executivos contam sobre o fim de semana, e ela sentada no banco, aos pés daquela figura que se vira para tirar som de um saxofone de pedra. Sozinha, quieta, ela lê um livro com calma. Um halo de primavera, de beleza, de tranquilidade a envolve. Emanava uma luz própria, reflete o calor do sol e permanece intocada. Engraxates carregam suas caixas, *boys* com pastas lotadas, homens distribuem papéis de “compro ouro”, e ela, leve, melíflua, uma pluma que poderia ser levada pelo vento. Na hora, quando a viu, naquele lugar, daquele jeito, destoando de tudo o que a cercava, de tudo o que já tinha visto na vida, Xavier nem se lembrou que ela tinha perdido o namorado havia tão pouco tempo. Nem que sua mulher tinha acabado de lhe abandonar. Muito menos que tinha o dobro da idade dela. Para ele, Clara estava em uma outra dimensão, onde o tempo não importava.

Chega, para ao lado dela e a sua sombra a encobre. Não fala nada. Queria saber como a sua presença iria afetá-la. Ela tira os olhos do livro e levanta a cabeça, mas quase cerra os olhos por causa da claridade. Xavier fala num tom amistoso, quase carinhoso:

- Você chegou cedo.

Clara fecha o livro:

- Não tenho muita coisa para fazer em casa.

Instintivamente, os dois caminham sem palavras pela travessa. Depois de poucos passos, ela pergunta:

- Onde você quer almoçar?

- Eu não tenho o costume de almoçar por aqui.

- Então vamos neste.

Ela aponta um restaurante mal iluminado, de aspecto estranho e limpeza duvidosa, com um balcão enorme e bancos que o acompanhavam do início ao fim, além de poucas e esparsas mesas ao fundo.

Xavier fica espantado novamente. Ele se acha experiente, já viveu situações estranhas, mas isso o surpreendeu: a menina não combinava em nada com aquele lugar. Era uma cena absurda aquela garota dentro daquele restaurante. Sem reação, só lhe restou segui-la. Logo, ela se planta em uma das mesas mais discretas. Pede um PF simples e Xavier a

acompanha. Ele está assustado, inseguro em suas ações. Sente-se desarmado, apesar do 38 que carrega dentro da pochete entrelaçada no corpo. Pressionado por uma mão invisível. Demora um pouco para conseguir quebrar o silêncio:

- Vou começar a chamar os amigos e os parentes para prestarem depoimentos oficiais. Já enviei as intimações e...

- Eu quero te pedir uma coisa...

Agora ela parece novamente com aquela menina frágil e delicada que ele tinha visto no dia da morte de Otávio. O detetive arregala os olhos instintivamente. “O que é que essa menina quer comigo?” Imagina que não tem como reaver o controle do diálogo.

- Eu quero te pedir um favor – ela insiste diante do silêncio de Xavier. Algo naquela menina o seduz de maneira sem igual. É como um buraco negro. É sugado para ela. Tenta se controlar, mas rapidamente cai num diálogo sem ter nenhum controle das palavras e dos silêncios.

- Queria que você tomasse um cuidado especial com a investigação. Tetê não é muito calma. Você viu o escândalo que ela arrumou de uma hora para outra. Todo mundo que o conheceu sabe que ele era bem discreto, calmo, nunca, nunca ia...

Clara soluça e os olhos ficam embaçados. Ela olha para o nada, vira o rosto de lado. Coloca as mãos na boca. Está prestes a chorar. O detetive não sabe o que fazer, outra vez. Antes que ele possa tomar qualquer atitude, ela volta a falar novamente.

- Olha, não posso te pagar muito dinheiro, mas gostaria que você acompanhasse o caso como se fosse de um familiar seu, de alguém que você gosta muito.

Ela abre a carteira, o detetive gela. Recolhe as mãos instantaneamente. As cruza entre as coxas, como uma criança que fez algo errado e está esperando alguém brigar. “É ridículo”, pensa em seguida, e logo descruza as mãos, traz ambas para cima da mesa e deixa-as paradas, sem muito motivo, sobrando naquele habitat de pratos e colheres.

- Queria que você tomasse partido, protegesse a memória de Otávio da mãe. Ela está louca.

O detetive tenta ainda argumentar entre gaguejadas que não é necessário dinheiro, que está fazendo apenas o seu trabalho, que trataria da investigação como se fosse de seu interesse pessoal, mas ela ignora as suas palavras e insiste.

- Toma.

Entrega-lhe um envelope aberto, com um maço de notas grandes. Ele continua a falar, agora olhando para as notas, que é desnecessário, não é preciso, mas segura o maço nas mãos. Repara nos detalhes das notas. “Sem dramas, sem crise de consciência numa hora dessas.” Ao final, agradece à garota e repete em voz alta, para mostrar que tinham um acordo, que iria cuidar do caso como se fosse “pessoal”, sem saber muito bem o que isso queria dizer, apenas para mostrar uma segurança que não tinha no momento. Ela apenas dá um sorriso de satisfação.